

Pedro Velho: um personagem no jogo das *Histórias* do Rio Grande do Norte

João Gilberto Neves Saraiva

Licenciado em História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho se insere nas discussões sobre algumas das principais obras produzidas até meados do século XX sobre o início da República no Rio Grande do Norte, os livros de Tavares de Lira, Rocha Pombo e Câmara Cascudo que possuem o mesmo título: História do Rio Grande do Norte. Nosso objetivo é discutir esta “historiografia clássica” buscando entender a construção narrativa de uma figura recorrente nestes textos, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. A partir de conceitos como o de memória social e representação e utilizando os procedimentos análise dos discursos buscamos investigar como a atuação de Pedro Velho é produzida de diversas formas a depender da intencionalidade e lugar de fala dos historiadores pesquisados.

Palavra Chave: Memória social, Historiografia local, Pedro Velho.

Entre as principais obras de até meados do século XX sobre a República no Rio Grande do Norte¹ encontramos as produções de Tavares de Lira, Rocha Pombo e Câmara Cascudo. Além de serem homônimas, as *Histórias* do Rio Grande do Norte partem da época colonial até os anos iniciais da República, se propondo a abranger toda a História do Rio Grande do Norte até próximo do momento em que foram produzidas². Os três livros também foram escritos a partir de solicitações de órgãos públicos do Rio Grande do Norte entre as décadas de 1920 e 1950, em contextos específicos de produção dos quais trataremos em momento posterior.

Na formulação de suas obras, os autores tiveram de fazer escolhas sobre que assuntos fariam parte da História do Rio Grande do Norte e de que forma eles seriam abordados. Nos temas e enfoques escolhidos para época da Colônia e do Império, percebemos que as narrativas se aproximam, Rocha Pombo leu a produção anterior de Tavares de Lira sobre esses recortes temporais³. Cascudo que escreveu já nos anos 1950, em um período posterior a produção dos autores anteriores, foi um leitor das duas versões. Já se tratando da implantação e dos primeiros anos da República no Rio Grande do Norte percebemos diferenças consideráveis nas três Histórias do Rio Grande do Norte, especialmente entre a versão de Rocha Pombo e as de Tavares e Câmara Cascudo. O conceito de memória social de Peter Burke nos auxilia na reflexão sobre as discrepâncias entre os autores:

[...] as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam aquilo que é 'memorável' e também a maneira como será recordado. (BURKE, 1992).

Burke (1992) nos permite analisar essas discrepâncias não como acasos, mas sim como escolhas intencionais. Assim como Peixoto (2010), pensamos que as diferenças de escolhas do que e de que forma será lembrado do início da República existem porque seus autores estão ligados a grupos familiares com interesses, especialmente políticos, também diversos⁴.

Para trabalhar as diferenças entre os textos de Tavares, Rocha Pombo e Cascudo utilizamos a análise dos discursos. As *Histórias* do Rio Grande do Norte são pensadas então enquanto construções narrativas que carregam rastros do seu local de produção, condições e temporalidade na quais se inserem seus produtores. Através dessa técnica podemos ter acesso a concepções que o falante veladamente guarda nas suas palavras (Bourdieu, 2008).

Entre as discrepâncias e aproximações na historiografia clássica sobre o Rio Grande do Norte, escolhemos trabalhar com a construção narrativa de Pedro Velho. Através das diferentes construções narrativas desse personagem⁵ podemos refletir sobre as ligações entre as *Histórias* do Rio Grande do Norte e as organizações familiares do estado.

Pedro Velho segundo Tavares de Lira: a encarnação da República

Augusto Tavares de Lira (1872-1958) foi um bacharel em Direito que ocupou diversos cargos pública da esfera estadual e nacional como: ministro da Justiça e Fazenda, senador da República e governador do estado, entre outros. Tavares de Lira era sogro de Pedro Velho e sempre se alinhou politicamente com seu sogro Pedro Velho (Rocha, 2009). A família Tavares de Lira juntamente com a Albuquerque Maranhão e a Pedrosa se uniram através da estratégia de casamentos para ratificar alianças políticas. Elas formaram uma organização familiar centrada em Natal que conseguiu se enraizar e dominar o poder do estado após certa instabilidade política no início da República. (Peixoto, 2010).

Sua História do Rio Grande do Norte foi publicada em 7 de setembro de 1920 no contexto do centenário da Independência que aconteceu dois anos depois. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro participou da organização das comemorações e coube a

Tavares de Lira, membro do IHGB, escrever sobre o Rio Grande do Norte. Tavares estava ligado a instituição legitimada nacionalmente para produção histórico-geográfica.

No seu livro, Tavares dedica um capítulo exclusivo para a República no Rio Grande do Norte que se chama *Período republicano até a organização do Estado*. Comparado o título do capítulo ao seu conteúdo, é sensível a construção narrativa de Pedro Velho como a encarnação do republicanismo no Rio Grande do Norte. O capítulo se inicia colocando PV⁶ como a “alma do movimento” abolicionistas e republicano e termina com o seu legado, o estado organizado. Nas últimas páginas do capítulo ele afirma: “Durante esse período, a história de sua vida é, como disse Luís Fernandes [...] a da própria República naquela unidade da federação.” (LIRA, 2008)

É pertinente abordar no texto de Augusto Tavares de Lira quando e como aparece Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Ele aparece como protagonista das ações, ele: é; demonstra, combate, escreve, assume, define, etc. O nome de PV aparece na maioria das vezes acompanhado de expressões e adjetivos que o qualificam positivamente, por exemplo: com dotes excepcionais, de grande espírito, de brilho inexcedível, afortunado, etc.

No primeiro parágrafo, a autor relaciona PV com pessoas destacadas nos capítulos anteriores do seu livro:

[...] honrando, pela ação patriótica, a memória inolvidável de seus antepassados ilustres, que tinham tido Jerônimo de Albuquerque, no tempo da conquista e André de Albuquerque, na revolução de 1817, duas figuras máximas da história norte-riograndense (LIRA, 2008, p. 319).

Vincular Pedro Velho a Jerônimo e André de Albuquerque dá continuidade a construção narrativa da centralidade dos membros Albuquerque Maranhão na História do Rio Grande do Norte. O personagem PV não é só uma figura excepcional, provida apenas de qualidades, como também é a continuação de pessoas ilustres que não podem ser esquecidas.

Em toda a obra, Tavares faz uso de diversas citações a documentos. No seu texto ele utiliza “os documentos de época para certificar a verdade estabelecida” (Rocha, 2009) e estes compõe uma parte considerável do capítulo sobre a República. Os documentos citados, na ordem em que aparecem são: ata de fundação do partido republicano na província (relatando a atuação de PV na reunião); manifesto de Pedro Velho a província, circular de PV em relação às últimas eleições do Império; boletim de Pedro Velho sobre a proclamação da República; boletim d'A República – jornal fundado

por PV em 1989 – aclamando o mesmo como presidente do Estado; manifesto de Pedro Velho e José Bernardo sobre a situação política do estado; documento publicado por Amaro Cavalcanti que cita PV como um dos legisladores participante do movimento contra o fechamento do congresso federal, decreto do movimento, segundo Tavares, organizado por Pedro velho que depôs o então presidente de província Miguel Castro e por fim um discurso em honra a memória de Pedro Velho. Todos os documentos citados ou são de autoria de PV ou fazem referência ao mesmo, eles tratam em ordem cronológica de toda atuação política do personagem terminando com seu legado. No texto de Tavares, as citações - enquanto certificações sobre a verdade dos fatos sobre a República no Rio Grande do Norte - é a produção textual de Pedro Velho e de seus correligionários.

Pedro Velho segundo Rocha Pombo: um dos personagens

Ao contrário dos outros autores das outras *Histórias* do Rio Grande do Norte utilizadas nesse trabalho, José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933) era um historiador de ofício. Foi eleito para Academia Brasileira de Letras e entre suas obras encontramos a História do Brasil, a História da América, a História Universal e a de diversas histórias estaduais.

Sua versão da História do Rio Grande do Norte foi escrita por encomenda para do estado no contexto da comemoração dos cem anos da Independência do Brasil para ser outra obra além da de Tavares de Lira. A encomenda deste segundo livro em relação a História do Rio Grande do Norte só foi possível pela disputa política no estado. Utilizando as concepções de oligarquia, Nonato Araújo da Rocha (2009), separa dois grupos distintos disputando o poder: a chefiada por Alberto Maranhão, ligada ao açúcar, e a liderada por Ferreira Chaves, ligada a cotonicultura. A Primeira Guerra Mundial havia consolidado o poder da oligarquia de cotonicultores, e no seu fim as oligarquias romperam com a oligarquia dos cotonicultores impondo um governador contrario aos interesses da oligarquia açucareira.

A História do Rio Grande do Norte de Rocha Pombo assim como a de Tavares de Lira se inicia com o período colonial, mas tem um recorte temporal ainda maior que a do outro autor, vai até o governo de Ferreira Chaves em 1920, o ano em que foi escrita⁷. O capítulo sobre a República no Rio Grande do Norte, *Sob o novo regimen*, se inicia com uma das estratégias narrativas de Pombo: relacionar a situação na província com o resto do Brasil:

Como em todas as antigas províncias, andava no Rio Grande do Norte, mais que latente no espírito das populações, desde antes da independência a ideia republicana. A revolução de 1817 demonstra irrecusavelmente que contra as inequidades e humilhações do regimen colonial havia na terra, contendo-se no fundo dos corações um pensamento de protesto que só espera o ensejo de explodir.⁸ (POMBO, 1921).

Ele coloca a ideia do republicanismo espalhada pela por todas as províncias desde antes da independência política do Brasil. Pombo edifica uma ponte narrativa com Revolução de 1817 e mais a frente com a abolição para formular uma situação em que só falta a oportunidade para instauração do “novo regimen” republicano.

Nesse quadro onde a ideia republicana já está difundida e o nome regime já esta por vir ele coloca a figura de Pedro Velho num papel diferente do de Tavares de Lira. PV não encarna a República no estado nem é o protagonista das ações dela, ele aparece como um articulador republicano rodeado por um grupo de aliados. Rocha Pombo afirma:

O dr. Pedro Velho e seus companheiros desenvolveram acção energica em todas as cidades e villas, onde se teve logo a impressão de que resurgia vigoroso o pensamento de 1817 e 1824. (POMBO, 1921).

O grupo de republicanos do qual Pedro Velho faz parte é responsável por agir para que o espírito das revoluções de 1817 e 1824 ressurgja e culmine na República. Quando PV vai atuar ele está sempre com outros aliados, suas ações são apresentadas como coletivas, mesmo que ele referenciado como o mentor delas. Pedro Velho também possui qualidades, mas quem as define são outras pessoas citadas, não o historiador, por exemplo: “Aparece neste momento um homem, 'cujo espírito parecia talhado para evangelizador de grandes idéas.” (POMBO, 1921). Neste trecho ele cita o desembargador Luiz Fernandes.

Pombo utiliza uma série de fontes que conseguiu no Rio de Janeiro, lugar onde produziu seu livro (Rocha, 2009), e fala de uma série de fatos que não estão presente no livro de Tavares de Lira. Um exemplo é o jornal *O Povo* de Caicó, ele é apresentando como anterior ao criado por Pedro Velho em Natal, mostrando *A República* como não sendo nem o primeiro, nem o único jornal republicano do estado. Além disso, apresenta um jornal opositor a Pedro Velho: *Gazeta de Natal*.

No capítulo de Rocha Pombo, Pedro Velho aparece em meio a uma profusão de personagens atuantes no início da República no Rio Grande do Norte, como Adolpho

Gordo, governador nomeado ao qual ele dedica parte considerável do capítulo. Diferente da obra de Tavares de Lira, a de Rocha Pombo apresenta uma posição menos importante para Pedro Velho, concentrando seu artigo na atuação dos governadores ligados ao que Nonato Rocha (2009) chamou de “oligarquia da cotonicultura”.

Pedro Velho segundo Cascudo: o articulador brilhante

Luis da Câmara Cascudo (1898-1986) é reconhecido como o principal intelectual do Rio Grande do Norte no século XX. Peixoto (2010) vincula Câmara Cascudo a organização familiar centrado em Natal, o qual a família Pedrosa exerce o controle. O governador Silvio Pedrosa coloca Cascudo como Historiador oficial do estado e responsável por escrever uma História do Rio Grande do Norte que foi lançada em 1955.

Câmara Cascudo, como foi anteriormente dito, foi um leitor de Rocha Pombo e Tavares de Lira. Para Renato Amado Peixoto:

Os historiadores posteriores, dos quais Luís da Câmara Cascudo é o de maior relevância, receberam a influência e/ou repetiram os principais temas da narrativa fundada por Tavares de Lyra a partir dos interesses aos quais se coligavam. Organizações estaduais instituídas e coligadas com o arranjo político como o IHGRN possibilitaram a produção, construção, disseminação e reelaboração do discurso historiográfico (PEIXOTO, 2010).

Cascudo, também procura fazer uma construção narrativa ligada ao grupo familiar centrado em Natal e se apropria de parte da obra de Tavares de Lira, especialmente no apreço por Pedro Velho, colocando como o perfeito articulador da República no estado. Ele elogia PV e seus partidários enquanto critica os seus inimigos, em certo trecho ele afirma:

A Comissão Executiva parecia gabinete de Ministros. Os membros eram as criaturas mais sérias, circunspectas e cultas da época. Mostravam a habilidade de Pedro Velho, congregando os conservadores, republicanos mais íntimos e liberais não-amaristas. Amaro Bezerra era o único inimigo interno capaz de enfrentar, pela astúcia, o jovem Presidente aclamado que se tornou a seguir Governador. (CASCUDO, 1995)

Além de elementos do texto de Tavares de Lira, Cascudo retoma pontos de Rocha Pombo. Cascudo faz uma apropriação dos elementos específicos da narrativa de Pombo, rebatendo-os caso seja contrário ao seu ponto de vista sobre a participação de

Pedro Velho na República. Sobre o início do republicanismo nas revoluções de 1817 e 1824 ele diz:

Não vou acreditar no republicanismo dos companheiros de André de Albuquerque em 1817 [...] Dentro de meio século é que a imagem serviu maravilhosamente para a catequese e quando se fala em 1817 sente-se o arrepio do heroísmo. (CASCUDO, 1995)

Câmara Cascudo não só discorda das posições de Rocha Pombo como se apropria delas para construir sua própria narrativa histórica. Falando do primo de Pedro Albuquerque:

João Avelino Pereira de Vasconcelos, primo de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, aderira em 1882. Foi um dos mentores mais eficientes do movimento da Abolição e da República. (CASCUDO, 1995)

No livro de Cascudo, a ideia de que o republicanismo já existiam na capitania é retomada só que é colocada a partir de 1871 e vinculada com as pessoas que são identificadas com o grupo familiar do qual o autor faz parte.

Ao longo desse trabalho podemos perceber como a escrita da História da República no Rio Grande do Norte até pelo menos a primeira metade do século XX esteve ligada a grupos familiares específicos que tiveram o cuidado de escrevê-la de acordo com seus interesses específicos.

1 Rocha (2009) identifica as principais produções historiográficas que tratam do período republicano no RN. No recorte que vai até meados do século XX ele selecionou as obras utilizadas nesse trabalho.

2 Tavares de Lira e Rocha Pombo estabelecem limites temporais nos seus trabalhos do que seria tratado como História e do que seria a narrativa de acontecimentos ainda muito próximos do tempo em que as obras foram produzidas e, segundo os mesmos, não passíveis de serem pensados como História.

3 No prefácio da edição de 1982 da obra *História do Rio Grande do Norte* de Tavares de Lira é transcrita uma carta de Rocha Pombo sobre a obra. Ele comenta as leituras de textos anteriores de Tavares e que infelizmente até escrever sua obra não tinham conhecimento dos escritos do referido autor sobre a República.

4 Grupos familiares ou organizações familiares são expressões utilizadas por Peixoto (2010) em detrimento da noção de oligarquias.

5 Personagem como participante da narrativa, não no sentido de pessoa ficcional.

6 Utilizamos PV em substituição de Pedro Velho para evitar a repetição constante do nome.

7 A última nota de rodapé do texto estende a obra até o governo posterior de Antônio de Souza que, como vimos, também partidário de Ferreira Chaves.

8 As citações a Rocha Pombo mantêm a grafia antiga de certas palavras que hoje são outras.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

BURKE, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Rio de Janeiro: MEC/RJ, 1995.

LIRA, Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1920.

POMBO, Rocha. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921.

ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da., *A República no Rio Grande do Norte: memória e historiografia*. Anais do III Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história, 2009.